

Sarney começa a dar adeus ao poder

LÚCIA TORÍBIO

BRASÍLIA — Faltam 172 dias para o Presidente José Sarney deixar o seu gabinete no Palácio do Planalto. Atrás dele saem pelo menos 200 dos 2.086 servidores da Presidência da República, contratados através de empresas estatais, para ocupar os cargos de confiança na sua assessoria pessoal. Com a contagem regressiva, a rotina diária da vida palaciana já assimilou uma nova atividade: os planos e preparativos para o futuro, longe da Praça dos Três Poderes.

Mesmo sem um desfecho tão radical como o de Getúlio Vargas, o cidadão José Sarney também pretende repetir a cartatamento do ex-Presidente e deixar o Governo para entrar na História. Para isso, ele quer transformar o Convento das Mercês — construção colonial no centro histórico de São Luís, no Maranhão —, em Museu Sarney, reunindo documentos e objetos que marquem sua trajetória pelo Planalto e pela vida política.

E no Maranhão que o Presidente fixará residência, para acompanhar e ajudar na batalha política dos filhos Sarney Filho, que vai disputar o Governo do Estado, e Roseana, candidata à Câmara dos Deputados. Lá, ele também vai estar perto das atividades empresariais do caçula Fernando, responsável pelos negócios da família, que é proprietária de duas emissoras de TV e de um jornal no Estado.

O projeto de Sarney de disputar uma cadeira no Senado terá que ser adiado: ele não mudou seu domicílio eleitoral e, pela legislação em vigor, só poderá candidatar-se em 1990 pelo Maranhão, e não por Goiás ou Roraima, como cogitara. O Presidente, no entanto, não perderá os vínculos com Brasília. Na Capital, ele deixará uma bem sucedida empresa rural — o Sítio do São José do Pericumã —, que atualmente lhe serve de casa de campo mas já é uma das maiores produtoras de sementes selecionadas de soja no Centro-Oeste, administrada por seu ex-genro e ex-Secretário Particular Jorge Murad.

Entre os Ministros da Casa, apenas o Chefe do Gabinete Militar, Bayma Denys, tem futuro certo e definido: volta para a tropa, num cargo de comando a ser definido pelo próximo Ministro do Exército, para cumprir os quatro anos que ainda lhe restam na carreira ativa. O já reformado Chefe do SNI, General Ivan de Souza Mendes, cerca seus projetos de sigilo, ao contrário do Chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, que não foi discreto ao deixar transpirar seu desejo de, saindo do Governo, ir para o Banco Mundial. Não por coincidência, a primeira missão internacional de Costa Couto foi uma visita ao Bird.

No rastro do Presidente, seus assessores mais próximos também já têm futuro definido. Os que seguem a carreira diplo-

mática assumirão, depois de 15 de março, os postos que escolheram durante o tempo de serviço no Palácio do Planalto. O Chefe do Serviço do Cerimonial, Júlio César, será Consul do Brasil em Buenos Aires, para ficar próximo do Uruguai, onde a família da sua esposa, Maria Célia Fontaina Gomes dos Santos, é proprietária da maior empresa de comunicação do país. O Assessor Internacional Luiz Felipe Seixas Corrêa será Embaixador do Brasil no México, substituindo José Guilherme Merquior que, por sua vez, será transferido para a Unesco, ocupando o cargo de outro amigo do Presidente, o escritor Josué Montello.

No Palácio do Planalto Sarney cercou-se de amigos, recolhidos em vários cantos do Brasil e do mundo. Os que vieram do exterior — Napoleão Saboia, Assessor de Imprensa Internacional, e Augusto Marzagão, Secretário Particular — voltam, respectivamente, para Paris e para a cidade do México. Mas a grande maioria dos auxiliares do Presidente sairá do Palácio do Planalto para dirigir seus próprios negócios. Joaquim Campelo, redator dos discursos e pronunciamentos de Sarney, reassumirá a direção de sua editora, agora como sócio da maior gráfica do setor privado de Brasília e principal prestadora de serviços para o Governo Federal, a Editora e Gráfica Brasileira. Virgílio Costa, assessor cultural de Sarney e responsável pelo projeto "Memória do Presidente", também já montou sua própria editora, a "Boca da Noite", para edição de livros de arte financiados com recursos da Lei Sarney. Henrique Hargreaves, assessor parlamentar do Gabinete Civil, tem a opção de montar uma empresa de assessoria junto ao seu escritório de advocacia, mas já recebeu propostas de dois candidatos para continuar trabalhando com o Governo.

Saulo Ramos pretendia sair da Consultoria da República para reassumir seu escritório de advocacia em São Paulo antes mesmo de terminar o mandato de Sarney. Mas o convite para o Ministério da Justiça adiou seus planos. A passagem pelo cargo valorizará ainda mais os seus serviços.

Os preparativos para as mudanças, no entanto, serão mais intensos, dentro do Planalto, em duas salas, uma no quarto e outra no terceiro andar, onde despacham os filhos do Presidente, quando estão em Brasília. Nesses gabinetes são recebidos os parlamentares e políticos maranhenses. Em breve as duas salas serão uma espécie de primeiro comitê de campanha de Roseana Sarney. Ela é funcionária do Senado à disposição da Presidência e está morando no Rio de Janeiro desde o começo do ano, quando casou com Secretário de Meio Ambiente Carlos Henrique Abreu Ramos, mas promete voltar em outubro para acompanhar, ao lado do pai, os últimos meses do Governo.



Depois de se despedir do Palácio do Planalto, o Presidente José Sarney pretende se dedicar aos filhos

Marzagão, a luta contra a apatia

BRASÍLIA — No dia 8 de agosto, o Presidente Sarney reuniu-se com os Ministros da área social para uma recomendação: mostrar ao País uma administração atuante até o dia 14 de março de 1990. Era o primeiro encontro em que, por sugestão do seu Secretário, Augusto Marzagão, Sarney alertaria contra o espírito de apatia de fim de Governo.

Um mês antes, ao assumir o cargo, Marzagão ganhara do Presidente a incumbência de recuperar, em escassos oito meses, a desgastada imagem presidencial, ainda mais ameaçada com a intensificação da campanha eleitoral, quando Sarney seria inevitavelmente crucificado. Especialista em comunicação e marketing, Marzagão, reformulou a Secretaria de Imprensa e Divulgação a partir do pressuposto de que a impopularidade do Presidente era consequência da desinformação da sociedade. O Porta-Voz Carlos Henrique de Almeida Santos passou a receber tarefas diárias, a atender jornalistas e acompanhar o Presidente em todas as suas viagens.